

Além da diversidade

Resenha de PEREIRA, Ronan Alves and MATSUOKA, Hideaki. **Japanese Religions in and beyond Japanese Diaspora**. Berkeley: University of California, 2007, ix+251 p. ISBN – 10: 55729-087-3

Eduardo Basto de Albuquerque

Unesp - Assis

Este livro é uma publicação do *Institute of East Asian Studies*, através do seu *Japanese for Japanese Studies*, da Universidade da Califórnia, E.U.A. É resultado de um Simpósio, ocorrido em 2001, voltado para o debate sobre as religiões que acompanharam os imigrantes na “diáspora japonesa” e o fenômeno de sua expansão para públicos mais amplos que os japoneses e seus descendentes. O evento foi realizado na Universidade da Califórnia.

O Prefácio é de Andrew E. Barshay, diretor do Centro de Estudos Japoneses. Os organizadores da coletânea, numa Introdução, abordam as religiões japonesas fora do Japão, na história cultural do Japão contemporâneo. O livro é composto por uma série de ensaios, classificados em duas partes bem distintas: na primeira, estão as religiões japonesas em várias parte do mundo e na segunda, as religiões japonesas no Brasil.

A parte I se inicia com o estudo de Susumu Shimazono que, em perspectiva mais abrangente, trata da expansão das Novas Religiões japonesas fora do Japão, mostrando que é um processo complexo e rico, com múltiplas facetas decorrentes de características culturais e políticas próprias dos países, como Brasil, Coréia, Tailândia e Estados Unidos onde se instalaram. Shimazono toma como referência o nível de tolerância encontrado nestes países e o sucesso aí obtido por tais religiões.

O capítulo 2, de Gary Bouma, trata da presença do Zen na Austrália através de uma discussão das transformações do panorama religioso deste país, depois da Segunda Guerra Mundial. Bouma examina qual o lugar que ocupa e quais as motivações de seus fiéis, ressaltando ser o Zen na Austrália uma religião de conversos e não de imigrantes.

Wendy Smith, no capítulo 3, argumenta que a chave explicativa da expansão da Sukyo Mahikari entre povos de várias culturas é composta tanto da pregação de que

milagres podem beneficiar os fiéis como da prática ritual de radiação da Luz Divina , características que lhe possibilitaram obter uniformidade entre seus membros.

Daniel Metraux analisa a ascensão e o declínio do ramo russo da controvertida religião Aum Shinrikyo, conhecida porque, em 1995, vários de seus seguidores efetuaram ataques no Metrô de Tóquio com o uso do gás Sarin.

O capítulo 5 trata da possibilidade de viagem dos deuses mais nacionalistas, que são os *kami* japoneses. Nele, Nelson Graburn examina a implantação de um Templo xintoísta na Califórnia como um esforço para mudar a imagem negativa do xintoísmo imperial nos USA.

A Parte II, onde são brasileiros a maioria dos autores de seus capítulos, é a mais substantiva do livro, e sua dimensão é justificada por estar no Brasil o maior número de ramos missionários de religiões japonesas.

No capítulo 6, Matsuoka e Pereira, exploram o panorama histórico das religiões japonesas no Brasil com enfoque especial nas Novas Religiões, sua propagação e as suas transformações pela diminuição da imigração. Os autores apontam também que algumas religiões ultrapassaram as barreiras étnicas e avaliam como foram os processos de aceitação por brasileiros não-japoneses.

Cristina Rocha se dirige para o papel da globalização e da indústria cultural, na forma de jornais, revistas, Internet, cinema e televisão criando um “imaginário” do Zen budismo no Brasil. A autora argumenta que o Zen no Brasil está associado com o cosmopolitismo urbano, com a distinção de gostos de uma classe social e com a construção de um mundo imaginário exótico.

Leila Marrach Basto de Albuquerque mostra que a Seicho-no-iê é a mais bem sucedida das religiões japonesas no Brasil, e em sua trajetória histórica mudou sua característica inicial de religião étnica para de religião universal. Através da expansão de seu proselitismo entre brasileiros garantiu sua sobrevivência e crescimento, desde a década dos anos 60. Nota a autora que, entre os fatores de suas mudanças estão a exploração da pretensão de ser uma “super-religião”, e a nacionalização de suas práticas e de sua estrutura organizacional.

Matsuoka Hideaki trata da Igreja Messiânica no Brasil cuja maioria de seus conversos é não-japonesa. O autor argumenta que é uma estratégia desta religião manter

certa continuidade com o Kardecismo e isto pode ser um fator significativo na sua adesão entre brasileiros.

Explorando o sucesso do ramo brasileiro da Soka Gakai, Ronan Alves Pereira considera que isto decorreu da combinação de vários fatores, entre os quais, estão algumas estratégias e a ausência de proibições legais para a importação de religiões no Brasil. Isto se conjuga com a implantação de uma política de marketing da imagem do movimento e a nacionalização de algumas de suas práticas. O autor revela que a retórica estabeleceu um discurso dual no movimento, que enfatiza a militância e a audiência, tal como uma ONG.

O Epílogo é do consagrado Robert N. Bellah, realizando algumas considerações sobre religiões, religiões japonesas no Japão e religiões japonesas fora do Japão, e seus processos em mudança.

Enfim, cada capítulo do livro se constitui como um estudo de caso dos efeitos da globalização cultural e religiosa. O livro contribui para a melhor compreensão do fenômeno do transplante da(s) religião (ões), particularmente das japonesas. É uma inegável contribuição para os estudiosos brasileiros da(s) religião (ões) porque mostra que as particularidades podem ser vistas numa perspectiva mais ampla e mundial do fenômeno. Os editores do livro estão de parabéns por uma edição de um texto bem cuidada, onde cada capítulo é acompanhado de uma bibliografia própria a ele.